

## O INFELIZ SÉCULO XX E SEUS “ISMOS”

Francisco Vêras, 5º período

O século XX foi marcado por feitos grandiosos que foram e são muito importantes para a humanidade. Um imenso salto foi dado na medicina sanitária, na pediatria, na oncologia, na psiquiatria e em tantas outras especializações e ramos da ciência, que continuam firmes nos seus propósitos de humanização e mudança de paradigmas. É nesse século, nada ameno, a partir do fim de sua segunda metade, o dismantelamento de vários regimes autoritários em várias partes do mundo.

Palavras-chave: autoritarismo; totalitarismo; democracia

O século XX foi marcado por feitos grandiosos que foram e são muito importantes para a humanidade. Um imenso salto foi dado na medicina sanitária, na pediatria, na oncologia, na psiquiatria e em tantas outras especializações e ramos da ciência, que continuam firmes nos seus propósitos de humanização e mudança de paradigmas. O mesmo aconteceu na tecnologia da informação, na robótica e nas modernas técnicas de produção e conservação de alimentos e fármacos.

É o século que reconheceu que o Homem, não importa a cultura a que pertença, nasce com certa dignidade e precisa ser ajudado para conservá-la, sobretudo em partes do mundo mais hostis. Junto a esse apreço pelo Homem, surge também uma série de problemas práticos, sobretudo no que se refere às liberdades individuais e à democracia, que não estão isentas de sérias confusões. É nesse século, nada ameno, e talvez pelos motivos tratados acima que se vê, a partir do fim de sua segunda metade, o dismantelamento de vários regimes autoritários em várias partes do mundo.

Mas este ensaio não tratará das conquistas nem do que foi feito de bom no século XX. Muito pelo contrário, deliberadamente não tratará desses assuntos, e intentará mostrar aquilo que de pior o infeliz século XX produziu: ideologias contrárias à dignidade humana e intrinsecamente más e assassinas.

Tendo em vista que, por convenção e praticidade, admite-se que o campo das Relações Internacionais, como disciplina independente das Ciências Sociais, surge em 1919, numa Europa dilacerada pela I Guerra

Mundial e desejosa de entender e explicar o porquê das guerras ocorrerem e como evitá-las, veremos que, na sofreguidão idealista de dar respostas e mudar a humanidade, os atores nacionais – *que nesse ensaio serão sempre os indivíduos que governam e representam os Estados, de forma legítima ou não* – não entenderam que a catástrofe da 1ª Guerra Mundial poderia ter sido evitada, pois a lógica e a história mostram que não há inevitabilidade histórica, e que tal catástrofe aconteceu graças à escolha e vontade livre de alguns atores nacionais. Veremos que tal vontade individual foi responsável, não só pela I Guerra Mundial, mas pela Revolução Comunista na Rússia e seu consequente desastre humano, moral, social e econômico, bem como, a ascensão do Fascismo na Itália e do Nacional-Socialismo (Nazismo) na Alemanha.

Neste ensaio, o termo socialismo-comunismo se referirá exclusivamente à escola marxista-leninista ou maoísta e todos os seus desdobramentos teóricos e dissidências.

Numa Europa já marcada pelos nacionalismos étnicos, um jovem estudante sérvio, Gavrilo Princip, agindo com a ajuda do grupo terrorista sérvio Mão Negra e motivado por um nacionalismo étnico exacerbado, em 28 de junho de 1914 assassina o herdeiro do trono Austro-Húngaro, Francisco Ferdinando. Sendo esse, *mutatis mutandis*, o estopim para a I Guerra Mundial. Embora o ato do nacionalista sérvio tenha grande importância no que viria a acontecer na Europa, a disposição do chanceler alemão Bethmann Hollweg, às vezes, é completamente negligenciada. A atuação desse homem foi decisiva para o início da guerra.

Ele desejava, numa azáfama de morte, a guerra. Dizia, com certo prazer macabro, em 07 de julho: “... uma guerra, qualquer que seja o resultado, terá como consequência o extermínio de tudo o que existe: o mundo que nos cerca, antiquado e sem ideias”. Depois de provavelmente envenenar a Áustria-Hungria com suas teses, ele disse em tom profético um dia antes da declaração de guerra contra a Sérvia: “Terrível catástrofe, mais forte do que o poder humano, paira sobre a Europa”. Em 28 de julho de 1914 a Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia. A Rússia, aliada da Sérvia, reagiu mobilizando tropas; A Alemanha, aliada da Áustria-Hungria, declarou guerra à

Rússia em 1º de agosto. Diante da negativa belga de permitir que o exército alemão passasse pelo país, a Alemanha invade a Bélgica e a França. A Inglaterra, diante da violação da neutralidade belga, declarou guerra à Alemanha. Assim, a guerra tomou proporções gigantescas e, na Europa, poucos países ficaram neutros. Winston Churchill escreveu sobre a 1ª Guerra Mundial: “Tortura e canibalismo foram os dois únicos expedientes que os Estados cristãos, civilizados e científicos, se abstiveram de usar ao final de tudo: eram práticas de utilidade duvidosa”.

A vontade individual de Bethmann Hollweg e sua consequente disposição de instigar a Áustria-Hungria contra a Sérvia é muito mais fruto de um forte desejo de ruptura com um mundo considerado antiquado do que o medo do crescimento da capacidade econômica da Rússia Imperial, o que também o assustava.

Bethmann Hollweg e seu instinto de destruição progressista foram destruídos, de maneira sumária e não progressiva, em 09 de janeiro de 1917, quando o governo civil da Alemanha, encabeçado por ele, chegou ao fim. Tomou lugar o governo militar do general Ludendorff.

Para que o desfecho da guerra mantivesse o mesmo baixo nível moral e humano vigente durante todo o conflito, alguns poucos atores nacionais da França, Inglaterra e Estados Unidos impuseram à Alemanha derrotada o humilhante e revanchista Tratado de Versalhes, que deixava em forma embrionária o monstro do ressentimento, que se juntaria à vontade individual de um ambicioso facínora, Adolf Hitler, e à disposição coletiva do povo alemão para iniciar a 2ª Guerra Mundial. Os atores nacionais supracitados, a saber: Clemenceau, da França, Lloyd George, da Inglaterra e Woodrow Wilson dos Estados Unidos (excetuando-se os atores secundários), em 29 de outubro de 1918, em uma reunião secreta, esboçaram as formas do Tratado de Versalhes que incluíam o desmembramento da Áustria-Hungria, a perda das colônias alemãs, a separação da Prússia por um corredor polonês e as reparações. Na reunião, Wilson foi representado pelo coronel House. Em 28 de junho de 1919 a Alemanha, humilhada, assina o Tratado de Versalhes.

Um ano antes da tal reunião secreta entre Clemenceau, Lloyd George e o coronel House, aproveitando-se dos problemas que anos de guerra haviam

trazido ao império czarista, um grupo violento de revolucionários tomou o poder na fragmentada e abatida Rússia. Era 25 de outubro (07 de novembro no nosso calendário) de 1917. Lênin e seus sequazes, os bolcheviques, tomam o poder na Rússia e aperfeiçoam uma técnica que iria se tornar pandêmica no tirânico século XX: o exercício do poder estatal mediante o terror e a violência extrema contra seus próprios cidadãos. Lênin, depois de anos de preparação e espera, como bom oportunista, vê, com o enfraquecimento da Rússia czarista devido aos anos no *front*, a possibilidade para pôr em prática o *putsch* que ele já havia idealizado.

A assim chamada Revolução Russa foi idealizada e, deliberadamente posta em marcha por um homem, Lênin, que consegue persuadir alguns seguidores da viabilidade da revolução e, àqueles que não podiam ser persuadidos impunha a morte violenta, sempre que possível. Mas, ao contrário do que vaticinava a vulgata marxista sobre a revolução proletária, a Revolução Russa não surge como a realização profética das “leis históricas”, nem em um país capitalista desenvolvido, mas como resultado da vontade de poder de um tirano oportunista, que impõe sua vontade, primeiro de maneira ardilosa e dissimulada, depois pelo uso impiedoso da força e do terror organizado, como *conditio sine qua non* da manutenção do poder levada até as últimas consequências. Os meios para atingir os objetivos do socialismo-comunismo foram o aumento do Estado e de suas forças policiais, a estatização dos meios de produção e o consequente controle total da economia, a supressão das liberdades individuais, a criminalização da dissensão ideológica, a criação de um partido único, a fabricação de inimigos via fortíssima propaganda ideológica, o culto à personalidade do líder e a crença na suposta cientificidade desse processo. Através desse processo, auto-intitulado “progressista”, seria forjado o Novo Homem e aconteceria a ruptura definitiva com o modelo de mundo conhecido até então.

O saldo do movimento socialista-comunista que se iniciou na Rússia, depois União Soviética, e se espalhou por praticamente todos os continentes habitados é de mais de 120 milhões de mortos. A maior catástrofe da história humana! No caso especificamente russo, a vontade de poder de um único homem foi suficiente para influenciar pessoas e conduzir durante 70 anos, com

algumas alternâncias de lideranças, aquele país para uma ruína moral, social e econômica absurdamente desumana. Graças a uma imensa aceitação por parte de muitos intelectuais, não tardou para que esse modelo economicamente inviável e assassino fosse copiado em dezenas de países da América Latina, África, Ásia e Europa, deixando um saldo de miséria e mortes.

Com o fim da I Guerra e com o socialismo-comunismo já implantado na Rússia, a Itália sai do conflito desgastada, empobrecida, mal recompensada e praticamente sem participação positiva nos acordos que se seguiram à *débâcle*. Ainda sob a névoa de morte e de insanidade deixada pela guerra e mergulhada em problemas econômicos e insatisfação popular, em 1920 uma greve de dois milhões de trabalhadores para a Itália; à greve unem-se os protestos dos agricultores do sul do país que desejam uma reforma agrária. A Itália, graças às escolhas individuais de menos de uma dúzia de homens responsáveis pelo desfecho da I Guerra, vê a sua estabilidade civil ameaçada com o surgimento de grupos que defendem uma ruptura com o modelo existente e que defendem uma Itália progressista. Dentre os defensores dessa tese, encontram-se o Partido Socialista Italiano (PSI) e o Partido Comunista Italiano (PCI). As revoltas estimularam a crença, sempre comum nas mais variadas sociedades, em um salvador da pátria. É nesse clima de desespero que um oportunista, Benito Mussolini - membro do Partido Socialista Italiano (PSI) de 1900 até 1914, criador em 1909 da revista socialista Luta de Classe e em 1914, depois de sua saída do PSI, do jornal para a propagação da ideologia socialista *Popolo d'Italia*, que mais tarde se tornaria o jornal oficial do Fascismo quando o Partido Nacional Fascista (PNF) é criado em 1921 - surge como redentor do povo italiano. Em 1922 Mussolini percebeu que a oportunidade para a realização de suas ambições chegara e, assim, empreendeu a Marcha sobre Roma o que fez o rei Vitor Manuel II nomeá-lo para compor o governo. Com o passar dos anos Mussolini conseguiu consolidar as práticas socialistas que sempre defendeu de economia dirigida pelo Estado e sistema de partido único baseado no corporativismo e poder ditatorial. A história de aumento e concentração de poder do Estado, perseguição, aprisionamento e morte de dissidentes aconteceu no mesmo estilo leninista e, semelhante à Rússia bolchevique, um só homem escolhe o rumo da história Italiana naqueles vinte e

um anos de Fascismo, tendo por objetivo precípua a realização de sua vontade de poder.

Concomitante ao surgimento do Fascismo, em 1921, numa Alemanha dilacerada social e economicamente e humilhada moralmente pelo desfecho da I Guerra Mundial, é fundado por Adolf Hitler o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nazismo). Hitler tenta chegar ao poder via *putsch*, mas fracassa e é preso. O seu partido com o passar dos anos consegue um número considerável de cadeiras no Parlamento alemão. Hitler tenta a eleição para presidente, mas perde para o Marechal Hindenburg. Como o partido nazista tinha 230 deputados, Hindenburg, visando à governabilidade, nomeia Hitler chanceler em 1933. Em um ano Hitler impõe ditadura Nacional-Socialista e inicia um processo paulatino e contínuo de transformação da Alemanha em um Estado autoritário com culto centrado em sua personalidade. No documento “*Der Nationalsozialismus, die Weltanschauung des 20 Jahrhunderts*” os nazistas dizem qual será sua forma econômica para transformar o Estado: “Nós somos socialistas, e inimigos mortais do atual sistema econômico capitalista”. O próximo passo foi perseguir todos os empresários judeus, expropriá-los, e confiscar seus bens. Assim o Nazismo começa a aplicar o modelo socialista ao aumentar o tamanho do Estado e ampliar seu poder coercitivo, ao estatizar e planificar a maior parte da economia, ao estabelecer o sistema de partido único e ao suprimir as liberdades individuais. Os campos de concentração, as câmaras de gás e as execuções sumárias de judeus, ciganos, homossexuais e quaisquer indivíduos contrários ao regime são bem conhecidos. Hitler, com seu carisma avassalador, impõe a um povo alemão altamente receptivo, dócil e desejoso de uma redenção moral e política, suas teses baseadas, assim como o Socialismo-Comunismo e o Fascismo, numa visão ideal e utópica do mundo, onde as mazelas e fraquezas sociais seriam superadas dando lugar ao Novo Homem em substituição ao velho, onde o desenvolvimento desse Novo Homem se daria mediante o progresso “científico”, que faria desaparecer o doente e supersticioso homem velho. Tais crenças estão amparadas num racionalismo dogmático, desumano, materialista, não-científico e ateu. Um homem medíocre e bestializado toma o poder na Alemanha e, sozinho, determina o seu rumo durante doze anos, escrevendo uma história sangrenta

para realizar a sua vontade de poder e a criação do novo homem sem as fraquezas que o nacional-socialismo queria extirpar com as câmaras de gás, campos de concentração e a eugenia.

A história do século XX, para ser sucinto, nos mostra que as escolhas de homens singulares, que ocupavam posições-chave, que raciocinavam e escolhiam livremente, levando em consideração em primeiro lugar seus interesses e depois os interesses dos Estados que eles representavam, decidiram o rumo que a História desse infeliz século tomou. É fácil deduzir, diante dos fatos, que não há determinismo histórico, nem inevitabilidade histórica, nem leis históricas, nem uma gnóstica infra-estrutura ou superestrutura social a mover o mundo dos homens. O que há é uma sucessão de acontecimentos importantíssimos, chamada História, que pode ou não ter alguma ligação, que pode ou não se repetir, seja de maneira real ou farsesca, sendo – excetuando-se as catástrofes naturais – fruto das escolhas individuais de homens motivados por suas vontades ou influenciados pelas circunstâncias, mas nunca determinados por um ridículo e cientificamente improvável, pensamento baseado em classes sociais.

O sérvio Gavrilo Princip, o alemão Bethmann Hollweg, o francês Clemenceau, o inglês Lloyd George, o americano Woodrow Wilson e de forma genuinamente perversa Lênin, Mussolini, Stálin, Hitler, Mao Tse Tung, Pol Pot, Fidel Castro, Mengistu Hailé Mariam, King Jong IL e tantos outros atores nacionais, fizeram e fazem escolhas livres, porque dotados de capacidade para livre-escolha. Suas posturas refletem suas naturezas degeneradas e seu mau-caratismo.

Não há absolutamente nenhuma distinção entre os três regimes que se seguiram como resultado do estorvo moral, político e econômico da Primeira Guerra Mundial, a saber: Socialismo-Comunismo, Fascismo e Nazismo, são iguais em sua sanha opressora, autoritária e genocida. São trigêmeos siameses abortados de mentes mitômanas e pervertidas que desejaram criar um Novo Homem destruindo a natureza humana, alijando o seu psiquismo complexo, suas crenças, sua moral tradicional e sua verdadeira liberdade, tentando transplantá-lo numa vida inexistente, numa segunda “realidade”

abstrata e desprovida de feições humanas, tudo isso amparado num atroz racionalismo não científico, profundamente opressor e ateu.

Não existiu, não existe e nunca existirá um Socialismo-Comunismo, Fascismo e Nazismo com feições humanas, porque não há como humanizar estas ideologias. O Socialismo-Comunismo, o Fascismo e o Nazismo são a antíteses do que é genuinamente humano, são o antídoto anti-humanidade por excelência. São todas ideologias baseadas no desrespeito à vida humana, na supressão das liberdades individuais, na hipertrofia do Estado e de seu aparato repressor, na estatização da economia e no culto à personalidade de um líder, ou do partido, que em última instância é um único homem ou alguns poucos, uma *Nomenklatura*, que têm por finalidade precípua o seu bem-estar individual e a manutenção, a todo custo, do poder conquistado. A História do mundo foi e é feita segundo o arbítrio de Homens individuais ocupando lugares privilegiados em momentos oportunos. Por isso, se Bethmann Hollweg não tivesse incitado a Áustria-Hungria, mas tentado pacificá-la, o que era mais apropriado naquele estado de ebulição nacionalista vivido na Europa daquele tempo, talvez a Rússia não tivesse entrado no conflito de maneira militar, o que teria evitado o seu desgaste econômico, militar e moral. Não existindo circunstâncias políticas favoráveis, provavelmente, Lênin teria permanecido no exílio e não teria tomado lugar na política partidária da Rússia e, conseqüentemente, o bolchevismo não teria prosperado tanto. Mesmo acontecendo o inverso, tudo poderia ainda ter sido diferente, no final da I Guerra e depois, se Lênin tivesse sido assassinado como desejava Churchill, se a Itália de Mussolini tivesse sido retaliada com força e Mussolini destruído, se o *naïve* Primeiro-Ministro do Reino Unido Neville Chamberlain ao invés de fazer concessões a Hitler tivesse bombardeado Berlim e acabado com Hitler no “nascledouro”, o mundo teria se livrado de maneira prematura e eficaz de três bestas-feras cuja imolação teria poupado mais de 150 milhões de vidas e, quiçá, relegado a tríade satânica dos “ismos” às profundezas abissais do inferno que é a lata de lixo da história, pois não há inevitabilidade histórica.

Referências:

BESANÇON, Alain, 2000. **A infelicidade do século.**

- BURLEIGH, Michael, 2008. ***Sacred Causes***.
- EKSTEINS, Modris, 2000. ***Rites of Spring***.
- GASSET, José Ortega y, 2006. ***La rebelión de las masas***.
- GOLDBERG, Jonah, 2007. ***Liberal Fascism***.
- HAYEK, Friedrich August Von, 1994. ***O caminho da servidão***.
- JOHNSON, Paul, 1994. ***Tempos Modernos***.
- POPER, Karl R, 1998. ***A sociedade aberta e seus inimigos*** – vol. I,II.
- PIO X, Papa, 1907. ***Pascendi Dominici Gregis***.
- VOEGELIN, Eric, 2008. ***Hitler e os Alemães***.